



# III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de  
outubro de 2011  
João Pessoa - PB

## ALBERTINA CORREIA DE LIMA: AS SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CENÁRIO EDUCACIONAL E POLÍTICO DA PARAÍBA (1889-1975)

Márcia Cristiane Ferreira Mendes – UFPB  
marciamendes\_1@hotmail.com  
Viviane Freitas da Silva – UFPB  
vivianefreitas\_83@hotmail.com

**Resumo:** Este trabalho, vinculado ao grupo de pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR-GT/PB) e ao projeto de pesquisa *Educação e Educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações*, têm como objetivo desvelar as histórias e memórias de Albertina Correia de Lima, focando suas contribuições no cenário educacional e político da Paraíba. Metodologicamente recorreremos à Nova História Cultural, por entender a importância das pessoas comuns e das diversidades das fontes para a constituição e interpretação da história. Esta educadora também teve uma participação importante dentro dos movimentos feministas na Paraíba, a exemplo da Associação pelo Progresso Feminino na qual exerceu a função de oradora, e na imprensa da Paraíba publicando vários artigos. Entende-se que no período de 1930 foi um momento de efervescência para a história brasileira, em especial a luta feminina em prol de sua emancipação. Assim, concentrou-se uma quantidade considerável de publicações de mulheres de todo o Brasil. O resultado da pesquisa implicou na Biografia da paraibana Albertina correia de Lima, focando suas práticas dentro do movimento feminista na Associação Pelo Progresso Feminino e de sua escrita na imprensa paraibana.

Palavras-chave: Educação. Educadora. Política. Memórias.

### 1- INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações, do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR-GT/PB). Para tanto, este artigo é resultado das aulas e atividades de pesquisas realizadas no decorrer da disciplina Tópicos em História da Educação: biografia e sociedade ministradas pelos Professores Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes.



Professora Albertina Correia de Lima.  
Fonte: Brasil Feminino, 1933, n. 12,  
p.70.

No decorrer das atividades realizadas na disciplina citada acima, foi enfatizada a importância das construções biográficas para a interpretação histórica, fundamentando-se na Nova História Cultural que a partir do século XX, veio reclamar uma forma de se

interpretar a história, o que Chartier (1991) também denomina nesse período como o abandono dos paradigmas dominantes: o estruturalismo e o marxismo. As biografias trabalhadas foram: Nísia Floresta, Tereza Margarida da Silva e Orta e de Isabel Gondim. Mesmo com as diversas histórias de vida, estas se assemelham em seus aspectos da luta pela emancipação feminina, de suas inserções no mercado de trabalho, como literatas e educadoras.

O objetivo deste artigo é trazer a baila biografia de Albertina Correia de Lima e sua contribuição para o cenário educacional e político da Paraíba. A metodologia utilizada foi baseada nos fundamentos da Nova História Cultural, ao qual Burke (1991) enfatiza que a história também se entende e se faz através de novos objetos, novos problemas, novas abordagens e novos documentos.

Assim, de acordo com este pensamento e a contribuição da Escola dos Annales, a história começa então a ser pensada sob uma nova ótica, a partir das pessoas comuns, não só através de histórias dos heróis contadas pela historiografia oficial, como aprofunda Burke: “a forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis” (BURKE, 1991, p. 17).

Nesta perspectiva de interpretar a história a partir de novos tratamentos as fontes encontradas, pesquisamos os acervos da Fundação Espaço Cultural (FUNESC), o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

## **2 – BIOGRAFANDO ALBERTINA CORREIA DE LIMA**

Albertina Correia de Lima nasceu em 1889 na cidade da Parahyba do Norte, filha de Lindolfo José Correia Lima, professor, Advogado e Deputado Estadual e D. Maria Correia Lima.

Foram seus avós paternos Dr. Lindolfo José Correia das Neves, professor, advogado, Deputado provincial e geral e D. Joana Desidéria Gomes; pelo lado materno Dr. João da Mata Correia Lima que também atuou no magistrado, deputado provincial e presidente da Paraíba e D. Gertrudes Paiva Lima.

Seus irmãos: João da Mata Correia Lima, Álvaro Correia Lima, Otávio Correia Lima, Beatriz Correia Lima, Corina Correia Lima e Carmem Correia Lima.

Albertina Correia de Lima veio de família considerada culta pela sociedade no século XX, como seu pai Lindolfo Correia de Lima, que foi professor de português no Liceu Paraibano e foi tido como um homem instruído de acordo com o depoimento dado por Rui Carneiro em 1977, em relação aos rumos do seu governo, quando fez comentários a respeito de Lindolfo Correia de Lima:

Certa vez, o professor Lindolfo Correia de Lima, que foi meu professor de português na Liceu Paraibano, um homem muito culto – todo mundo tinha receio das suas críticas. Ele era Pai do grande Correia Lima - me disse: “Os paraibanos lhe querem bem, sobretudo a gente modesta, a gente pobre e humilde, mas há uma crítica feita ao seu governo, porque você trouxe muita gente de fora”. Eu respondi: “Trouxe brasileiros de vários pontos do país, para errar menos. Eu erreí muito, mas erraria muito mais, se tivesse ficado sem pessoas, no começo do meu governo, antes de estar ciente e consciente da minha responsabilidade e das minhas obrigações para com a minha gente e a minha terra. Tive de lançar mão de homens de fora, todos de valor” (CARNEIRO, 1977, p. 24).

Albertina Correia de Lima tornou-se educadora, escritora e advogada e seu irmão João da Mata um educador, advogado e deputado do estado da Paraíba a partir da década de 1920.

No livro publicado por Albertina Correia intitulado: *João da Mata*, ela homenageia seu irmão e narra a trajetória de vida dele, mostrando o tipo de educação que recebeu: “recebeu educação moral, no lar paterno, sob os severos princípios de antanho e a religiosidade, de sua mãe e no colégio, onde concluiu o curso primário” (LIMA, 1951, p. 6), e é partir dessa publicação que supomos que algumas destas instruções esta educadora poderia também ter recebido, o que trata principalmente da educação religiosa.

Após sua formação na Escola Normal da Paraíba em 1912, Albertina Correia de Lima, inicia sua jornada como professora em várias instituições como a Escola Normal e o Liceu Paraibano, dado a falta de documentação, não temos a principio como informar o início e o fim de sua ligação a estas instituições escolares. Passou também a escrever em jornais, o Correio da Manhã e O jornal A União. As revistas Era Nova, A Imprensa, o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), a qual era associada desde 1938, Brasil Feminino de veiculação nacional, tiveram sua contribuição com

artigos que falavam da força feminina dentro dos estados e do início da modernidade na cidade de João Pessoa – PB.

Em 1931 se forma pela faculdade de Direito em Recife – PE, única faculdade que ficava próxima à Paraíba, visto que no estado não havia cursos de formação superior.

Albertina Correia de Lima faleceu em 18 de março de 1975, deixando marcas através de escritos sobre sua atuação na Paraíba, possibilitando na construção desse artigo.

### **3 – ALBERTINA CORREIA DE LIMA E OS MOVIMENTOS FEMINISTAS**

Era necessário deixar um pouco de lado os alfinetes e os bordados que impregnavam a vida feminina e tentar tecer outros rendados históricos em busca de certos ideais. (Elizabeth Siqueira)

Segundo o pensamento de Elizabeth Siqueira, a mulher por muito tempo foi destinada a trabalhos domésticos e a artes manuais o que no século XIX e XX através dos movimentos feministas veio contrastar essa realidade. Reforçando, Santana (2004, p.1) afirma: “Desse modo, competia-lhes tudo o que dizia respeito ao doméstico, à casa, ao lar; sendo por isso chamadas *anjos do lar*” passando a reclamar o que lhes era de direito: a sua cidadania.

Segundo Perrot (1996) a figura feminina a principio foi excluída de alguns espaços da sociedade, como a educação e ao mercado de trabalho, e que desde os primórdios até a contemporaneidade a mulher se manteve dentro dos costumes morais e culturais da época.

O que propomos neste artigo é tornar evidente a luta feminina travada pela educadora Albertina Correia de Lima. Acerca disso também ressalta Machado:

O sentido e as significações das histórias singulares construídas em torno das pessoas; restituiu, também, a tomada de consciência das diferenças que particularizam os grupos, as pequenas comunidades, os territórios, os marginais e os excluídos da história, como as mulheres, os mendigos, os operários, os prisioneiros, os loucos, os vagabundos etc. (2006, p.17).

Albertina Correia de Lima, portanto, se destacou neste âmbito educacional por ser uma das mulheres (no século XIX e início do Século XX, ainda é inferior a quantidade de mulheres em relação aos homens que adquirem uma formação superior) que ocupam espaços considerados masculinos. Em 1931 se forma em Direito na Faculdade de Recife – PE, e posterior a essa data já atuava como escritora e educadora.

A imprensa foi um espaço de apropriação feminina, no que percebe pela elevação nas publicações de poesias e de artigos reivindicando o direito ao voto feminino nos jornais da época a partir do século XIX e principalmente no XX.

O artigo publicado no Jornal A União, em 7 de Fevereiro de 1933, Nº. 31, p. 8, demonstram os preparativos para a criação da Associação Pelo Progresso Feminino em 1933 no estado paraibano, incentivo este dado pela Federação Pelo Progresso Feminino. O nome da presidente da FPPF, Bertha Lutz, sempre é associado por sua luta à causa feminina e ganhou reconhecimento de suas companheiras dentro de todo território brasileiro “É um symbolo porque, batalhadora incansável, continua a pugna pela aplicabilidade dos dispositivos constitucionais que asseguram a igualdade politica e social dos sexos” (LIMA, 1936, p. 1).

Assim, o artigo publicado pelo Jornal A União em 7 de Fevereiro de 1933 revela as intenções das feministas no diz que respeito à promoção da educação feminina, a proteção das mulheres e crianças, a garantia dos direitos trabalhistas das mulheres, a orientação na escolha uma boa profissão e o estímulo a cooperação entre as mulheres, como indica a seguir:

A fundação, nesta capital, de uma associação feminina.

Sua primeira sessão preparatória.

Com regular comparecimento de senhoras e senhoritas de nossa sociedade houve, hontem à noite, num dos salões do grupo “Thomaz Mindello”, gentilmente cedido pelo seu director Prof. Joaquim Santiago, a “ Sessão Preparatoria da fundação, nesta capital, de uma sociedade feminina mais ou menos nos moldes da “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”, cujo os principais fins são:

1 ° Promover a educação da Mulher e elevar o nível da instrução feminina;

2° Proteger as mães e a infância;

3° Obter garantias legislativas para o trabalho feminino;

4° Auxiliar as boas iniciativas da mulher oriental – a na escolha de uma profissão;

5° Estimular o espirito de sociedade e de cooperação entre as mulheres e interessal – as pelas questões sociais e de alcance publica.

Procurando desenvolver o programma acima, a novel sociedade pretende fundar desde logo uma biblioteca, mater aulas de línguas, promover sessões litteromusicas, etc.

Dirigiram os trabalhos preparatórios as srs. Alice Monteiro e Ninita Sá e Senhoritas dras. Albertina Correia de Lima e Lylia Guedes; Olivina C. da Cunha e Omizidade Azevêdo.

Em virtude de coincidir a hora da sessão com os festejos de Lordes diversos sociais não perderam em comparecer.

Ficou marcado nova sessão para a próxima quinta-feira, 19 horas no mesmo local.

O que revela que Associação também tinha um fundo social e politico, pois pretendia alcançar os direitos trabalhistas para as mulheres juntamente com a sua proteção na Constituição Federal Brasileira. Incentivava a educação feminina, e não só a educação elementar, mas também a formação superior.

A luta pelos direitos da mulher ao acesso ao trabalho se justifica pelo modelo patriarcalista, visto que as mães não tinham como se sustentar em caso de falecimento do provedor e nem garantia a manutenção dos filhos, no que acabam na mendicância.

O artigo citado não só expõem quais as intenções da APPF, como também faz menções das nomeações para a concretização da criação dos estatutos e da necessidade de ampliar a associação em núcleos para poder atingir o programa em seus aspectos sociais e educativos, como afirma no Jornal A União a seguir:

#### Associação Parahybana pelo Progresso Feminino

Installou-se no sabbado 11 do corrente, como havia sido anunciado, essa novel associação, sendo acclamada a seguinte diretoria provisoria, para elaboração dos estatutos: Presidente, Lylia Guedes; Vice-presidente, Olivina Carneiro da Cunha, secretaria, Alice de Azevêdo Monteiro; Oradora, Albertina Correia Lima; Thesoureira, Francisca de Ascensão Cunha e Bibliotecaria, Analice Caldas.

Para desdobrar o vastor Programma educativo, recreativo e caricativo que associação adoptou foi resolvido a criação de diversos “núcleos” onde cada assumpto será cuidadosamente desenvolvido, obedecendo à seguinte distribuição:

1º) Literatura e Cultura da Lingua materna  
(LIMA, A União, 15 mar, 1933, p. 8).

A Associação Pelo Progresso Feminino atuou contra alguns desses costumes que desfavoreciam a mulher. Assim, Albertina Correia de Lima, como uma forma de fortalecer o movimento feminino se formou em direito, tornando-se uma grande conhecedora da constituição brasileira, podendo lutar taticamente dentro do próprio sistema. Portanto, “Em João Pessoa, atuou como advogada em defesa do direito de voto

das mulheres e de acesso à Câmara Legislativa da Paraíba” página online Mulher & Democracia.

No artigo publicado pelo jornal A União escrita por Albertina Correia de Lima, fala da função social da APPF:

A Associação pensa em cuidar deste palpitante problema que é a mendicância em nossa terra. Investigará quaes são os verdadeiros mendigos e proporcionar-lhes-á os meios de subsistencia. É este um nobre tarefa não póde ser esquecida por uma associação feminina abrangendo em seu programma obras de caridade. Auxiliar as moças pobres para que recebem uma certa instrução que as habilidades à obtenção de um meio de vida honesto é outro objetivo do “núcleo” de benemerência. (LIMA, A União, 15 mar, 1933, p.8).

A preocupação mais uma vez é apontada pelo APPF sobre a mendicância, no que em seus discursos colocam em evidência seus trabalhos de cunho social para amenizar os problemas apresentados no Brasil mediante a tomada de decisões políticas. Essa inquietação pela benevolência não deixa de favorecer as mulheres, pois o foco principal era o gênero feminino, pois a intenção era que as mesmas tomassem consciência de seus direitos através da instrução escolarizada e que pudessem exercer uma profissão como meio de sustento sem tomar outros caminhos que não fossem honestos.

Assim, aos poucos as mulheres foram conquistando espaços e sendo reconhecidas por parte da sociedade como merecedoras de direitos:

Rio, da U.B.I – as mulheres estão, aos poucos, conquistando as mesmas prerrogativas dos homens. Nós éramos um dos povos que teimavam em lhes negar a equiparação que ellas recaclamavam exibindo uma verdadeira multidão de argumentos. (LIMA, A União, 15 mar, 1933, p.8).

O movimento liderado por Bertha Lutz, conhecido pela história como “bem comportado”, não tinha intenção de denigrir a imagem da família e nem de inverter papéis, mesmo com suas inserções no mercado do trabalho e da escrita. A base familiar era mantida pela sociedade e principalmente pela igreja, como assim demonstra:

O casamento é a base da família, sobre êle repousa a moral da sociedade. É esta mais ou menos a opinião geral. Como, pois, diminuir perante a lei a mulher que se casa? Parece menos contraditório entrar no goro dos direitos políticos quem se conserva sob o fogo de uma incapacidade civil, que de

modo algum se justifica depois das grandes conquistas alcançadas pela mulher hodierna. (LIMA, A União, 7 de set, p. 12).

Por fim, estes são os rumos de um movimento, que teve como uma de suas representantes Albertina Correia de Lima, que pretendeu juntamente com outras feministas renovar o pensamento que foi apropriado desde os tempos remotos.

#### **4 – O LEGADO DE UMA ESCRITORA**

O legado deixado pela educadora e escritora Albertina Correia de Lima pode ser verificada nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, no qual ingressou em abril de 1938, como indica esta fonte documental:

Outro fato merece destaque é a participação da mulher no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), todas elas ex-alunas da Escola Normal, foram elas: Eudésia Vieira, Lylia Guedes, Albertina Correia Lima, Analice Caldas, Olivina Olivia Carneiro da Cunha, Alice de Azevedo (DUARTE, 2005, p. 22).

Albertina Correia de Lima publicou também outros escritos como: Georgina, a estrutura da Terra, em 1922; A Mulher e seus Direitos em Face da nossa Legislação, em 1933; João da Mata (biografia), 1951.

A biografia de João da Mata foi escrita por esta educadora como forma de homenageá-lo, devido a sua atuação na política paraibana como deputado estadual, como professor do Liceu Paraibano e por sua dedicação a profissão de advogado, mas não só por estes atributos, mas por ter sido um irmão dedicado à família. “Possui muita delicadeza de sentimentos. Seu primeiro soneto foi inspirado na saudade de uma irmãzinha, a caçula da família, e que faleceu em tenra idade”. (LIMA, 1951, p. 14). Percebe-se que o sentimento dedicado à família era compartilhado por toda a família.

De todas as instituições, a família e, insofismavelmente, a mais nobre e importante, por ser o ponto de aplicação da grande força de estabilidade, que equilibra a vida da sociedade, como a gravidade equilibra os corpos, que estão na superfície terrestre. (LIMA, 1933, p. 12)

O papel da mulher na imprensa teve uma considerável importância, a cerca disso, estão os escritos desta educadora e de outras feministas que expuseram seus ideais e pensamentos nas páginas destes documentos impressos.



## CONCLUSÃO

Albertina Correia de Lima se dedicou sua vida às causas sociais, ao ensino e ao movimento feminista. Mas de imediato folheando as páginas do Jornal A União, A Imprensa, a sua obra literária percebe-se a sua participação foi muito presente.

Assim, ela lutou juntamente a outras feministas pela causa do direito ao voto feminino e a inserção da mulher no mundo profissional. Uma das ferramentas que essas mulheres se apropriaram foi à escrita por meio da divulgação em periódicos e em jornais e o aperfeiçoamento de sua formação intelectual, visto que a literatura era um material acessível a elas, mesmo que com algumas restrições do que deveriam ler, como se observa em Lylia Guedes, Anaíde Beiriz, Bertha Lutz, Analise Caldas e Olivina Carneiro da Cunha, dentre outras, todas professoras.

A trajetória feminina foi marcada por várias contestações e a figura de Albertina Correia de Lima se fez presente neste ideal de sociedade, ou seja, de um mundo igualitário, sobre o qual podemos considerar que ainda não chegou ao patamar de igualdade entre as raças.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**: a revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. São Paulo: Estudos Avançados, vol 5, no. 11, jan/abr, 1991.

COUTINHO, Ana Maria. **Literatura e Memória**: resgate das escritoras paraibanas do início do século XX. João Pessoa: UFPB, 2002. Disponível em: [http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo\\_ana\\_coutinho.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_ana_coutinho.htm). Acesso em: 15 fev, 2011.

DUARTE, Adjane Barros Ferreira. A construção do Feminismo na Paraíba: **Revista Era Nova** – 1921/1926. João Pessoa: UFPB, 2005.

LIMA, Albertina Correia de. **João da Mata**. João Pessoa: Escola Industrial de João Pessoa, 1951.

LIMA, Albertina Correia de. **Deputada Bertha Lutz**. João Pessoa: A União, 1936. 9 de ago, ANNO XLIV, p. 1.

LIMA, Albertina Correia de. **Terra Parahybana**. Rio de Janeiro: Brasil Feminino, n. 12, 1933, p. 70

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero e Magistério**: identidade, história, representação. São Paulo: Escrituras Editoras, 1997.

MACHADO, Charliton José dos Santos Machado. **A dimensão da Palavra**: práticas de escrita de mulheres. João Pessoa: UFPB, 2005.

Mulher e Democracia. **Albertina Correia de Lima**. Disponível em: [http://www.mulheredemocracia.org.br/perfis\\_albertina\\_correia.htm](http://www.mulheredemocracia.org.br/perfis_albertina_correia.htm) Acesso em: 15 fev, 2011.

PERROT, Michelle. **A história feita de greves**: excluídos e mulheres (entrevista) Tempo Social; Ver. Sociol. USP, São Paulo, 8(2): 191-200, out. de 1996.

SANTANA, Gisane, Souza. **A Construção Discursiva das Personagens Femininas em As velhas**. Maringá: Revista Urutaguá, 2004, vol 6, abr, mai, jun, jul.

#### **Entrevista:**

CARNEIRO, Rui. **Rui Carneiro (depoimento, 1977)**. Rio de Janeiro, CPDOC.

#### **Jornais:**

LIMA, Albertina Correia. **Divagando**. João Pessoa: Jornal A União, ano XLI, 1933, p. 12, 7 set.

LIMA, Albertina Correia. **A Fundação, Nesta Capital, de uma Associação Feminina**. João Pessoa: A União, 1933, ano CLI, n. 31, p. 8, 7 fev.

LIMA, Albertina Correia. **Associação Pelo Progresso Feminino**. João Pessoa: A União, n. 60, ano XLI, 1933, p. 8, 15 mai.

LIMA, Albertina Correia. **Deputada Bertha Lutz**. João Pessoa: A União, ano XLIV, 1936, p. 1, 9 ago.